Kisama e a potência do essencial

Alguns anos após a longa guerra civil de Angola (1975-2002), posterior à independência de Portugal, o escritor Javier Soler visitou o país por motivo de trabalho, passando uma temporada de seis meses. Dessa experiência, nasceu *Kisama*, conjunto de micronarrativas que, tal qual *flashes* fotográficos, registra cenas cotidianas da vida dos angolanos. Trata-se de histórias impregnadas não só de traços sócio-históricos, mas também e principalmente de substrato humano. Em se tratando de micronarrativas, o essencial pode dizer muito. Ao trabalhar habilmente a brevidade das cenas, Soler se utiliza da concisão para sugerir situações e inspirar reflexões. Os espaços observados pelo narrador – esquinas, pátios e escadas de prédios dilapidados – são o palco no qual os angolanos, esses “artistas do movimento” realizam o seu vaivém da sobrevivência. Com efeito, a deambulação do narrador coincide com o ir e vir de crianças, homens, mulheres e idosos, transeuntes e testemunhas de um tempo-espaço permeado, paradoxalmente, de precariedade e obstinação.

Cecília Rodrigues
University of Georgia

KISAMA

Javier Soler

Tradução: Alencar Guth

Rua Comandante Che Guevara, Luanda, Angola

I

Salomão está sentado em cima de uma caixa de plástico na entrada de um edifício. Na sua frente tem uma caixa de madeira e em cima dela muitas amostras de bebidas para vender: latas de cerveja, garrafas de refrigerantes, garrafinhas de água e uma caixa tetrapak de vinho “gaivota”.

As pessoas passam e lhe pedem uma cerveja de tal ou qual marca ou uma lata deste ou daquele refrigerante. Salomão se levanta, entra no saguão do edifício e pega de uma velha geladeira do primeiro patamar da escada a bebida que lhe pediram e a entrega ao cliente.

Salomão vive no primeiro patamar da escada. Tem uma cortina que lhe serve de porta. Ali ele tem um colchão para dormir. É um homem muito velho.

II

Luiz é alfaiate e tem sua alfaiataria no vão da escada do edifício. Tem uma máquina de costura, roupas penduradas em cabides e muitos tecidos. Com frequência coloca uma manta no chão da entrada do edifício e ali mesmo começa a cortar uma peça de roupa. Sempre tem gente sentada nos primeiros degraus da entrada falando com Luiz e Salomão. Muitos compram um refrigerante e o tomam na sombra da portaria sentados em velhas cadeiras quebradas de plástico branco enquanto esperam conversando uns com os outros que Luiz lhes conserte o botão de suas calças que quebrou ou qualquer outro remendo.

III

Salomão decidiu voltar ao povoado de onde saiu há muitos anos ao estourar a guerra. Agora com a paz queria morrer onde encontrou a vida.

IV

Constanza ocupa agora o lugar de Salomão. É uma mulher que se veste com roupas de alegres cores. Sempre tem amigas que vêm vê-la e se sentam nas velhas cadeiras quebradas de plástico branco.

Constanza vende refrigerantes e cervejas e decidiu fazer comidas com um fogareiro a carvão na rua. Na frente do edifício estão construindo um arranha-céu. Os operários vêm até Constanza para comprar o almoço. Usam os degraus da escada do edifício onde ela vende para se sentar até o primeiro andar e comer a comida que ela cozinha. Deixam um espaço ao lado do corrimão para não atrapalhar a passagem dos vizinhos que sobem e descem pela escada.

Alguns operários compartilham o prato e os talheres de plástico: enquanto um mastiga, o outro utiliza o garfo para se servir. A comida que em princípio seria para um é paga e dividida entre dois.

V

No pátio interior da quadra de edifícios vivem umas mulheres com seus filhos em barracos feitos de madeira e tetos de chapa. Não há homens, apenas mulheres. São viúvas de guerra ou mães solteiras. Algumas trabalham fazendo comidas em cozinhas a carvão: peixe, carne, sopa. Ao meio-dia montam mesas brancas de plástico para servir a comida àqueles que vêm habitualmente para comer e que pagam suas comidas. À tarde, por volta das 16:30 voltam a montar as mesas para servir refrigerantes ou cervejas.

VI

Dona Ana é a chefe dessa comunidade de mulheres. Vive no primeiro barraco com suas duas filhas e sua neta. Se alguém vem da rua com galões para enchê-los de água ela é quem autoriza ou não. Pegam a água da torneira que há no barraco do chuveiro que todas compartilham.

VII

As meninas fazem tranças umas nas outras. Os meninos fazem estradas no chão por onde circulam latas e garrafas.

VIII

Os cachorros dormem à sombra na maior parte do dia e de noite saem para procurar comida pelo lixo.

IX

Hoje é a festa de aniversário do Paulo, o noivo de Lisa, a filha mais velha de Dona Ana. Ele comprou o seu primeiro carro. Decoraram-no com fitas vermelhas e derramaram uma garrafa de espumante sobre o carro. Todos estão alegres. À noite acontece a grande festa. Vem toda a vizinhança ao pátio para dançar. A música ressoa nas paredes dos

apartamentos dos edifícios que rodeiam o pátio. Ninguém dorme essa noite. Os homens e as mulheres dançam movendo seus corpos ágeis. São artistas do movimento.

X

Essas mulheres e crianças se levantam muito cedo de manhã, pelas 4 e se deitam pelas 8 da noite. Aproveitam a luz natural do dia. Iluminam-se com garrafas de cerveja cheias de gasolina que queimam um pavio de pano.

XI

Humberto é caolho e quase sempre está bêbado. Trabalha na loja de material de construção que há atrás do pátio interior. Também trabalha limpando os carros dos vizinhos que estacionam na rua com seu amigo Claudio.

Claudio trabalha também descarregando as caixas de refrigerantes que os caminhões trazem à loja de Mangala.

XII

Mangala tem uma loja escura onde vende um pouco de tudo: bebidas, produtos de higiene pessoal, material de papelaria, quadros que ele mesmo pinta, até caixas para guardar dinheiro. Sempre há gente dentro e fora da loja tomando refrigerante. Não vende cervejas porque segundo ele é a bebida do Diabo e vai contra Deus.

Mangala é do partido que perdeu a guerra civil. Muitos dos que vêm para tomar um refrigerante e falar com ele são do mesmo partido, o U.N.I.T.A.

Quando escurece a loja continua aberta iluminando-se com uma fraca lâmpada de 40W.

XIII

Na esquina da rua João está vendendo pilhas, isqueiros, canetas, lâminas de barbear, tabaco. Tem tudo em uma caixa de madeira. Em um lado da caixa tem um adesivo com um desenho do general que perdeu a guerra civil com um raio de luz atrás da sua cabeça como um Sol. Junto a João está um menino de uns quinze anos que quer ser chamado de Barack Obama e é engraxate.

XIV

Na esquina da frente estão Minguito e Jairo vendendo pães. Penduram as sacolas de plástico que contêm oito ou dezesseis pães nos pregos do tronco de uma árvore que lhes protege com sua sombra. Quando escurece seguem ainda ali vendendo a todos os que vão para suas casas depois de suas jornadas de trabalho.

XV

Ao lado da árvore onde Minguito e Jairo vendem pão se sentam Dona Lucia, Guiomar, Neusa e Celeste trocando dólares por Kwanzas e vendendo cartões de celular. Com elas

estão Natalia com a sua filha adolescente cozinhando em um fogareiro a carvão na sombra de uma árvore – fazem tortilhas e sanduíches. De um lado está um sapateiro arrumando velhos sapatos com um avental de couro e sentado em uma caixa de madeira.

XVI

Do outro lado da rua há uma dúzia de mulheres vendendo hortaliças, frutas, verduras, carne e peixe. Colocam tudo em bacias de plástico que carregam na cabeça com seus bebês nas costas ou segurados pela mão. Tiram uma das camadas de roupas que vestem para colocá-la no chão e se sentam sobre elas com seus filhos seminus e descalços vendendo o que levavam nas bacias.

XVII

Essas mulheres pegam água para lavar as verduras e frutas de uma torneira que há dentro de uma portaria de um velho edifício.

Na entrada dessa portaria está Alfonso, um homem sem perna nem braço. Alguma vendedora lhe dá uma maçã que ele come lentamente. As moscas vão até a sua boca. A mulher ou irmã de Alfonso mora no patamar do segundo piso onde cozinha com um fogareiro a carvão. Ela costuma torrar amendoins que então vende aos vizinhos que sobem e descem pela escada.

XVIII

No final da rua há um posto de gasolina com uma única bomba para diesel e gasolina. Yuri abastece os carros e as pessoas que socorre com galões para encher os geradores. Se formam várias filas de carros e os vendedores ambulantes passam pelos carros vendendo CDs, aromatizadores, garrafinhas de água, frutas secas, brinquedos etc.

XIX

Yuri tem 31 anos e passou 11 como soldado na guerra. Aos quinze anos chegaram os militares no seu povoado e o levaram à força. Aos 26, assim que acabou a guerra desertou. Quando fala dessa época fica cheio de raiva e ódio.

XX

Salomão já chegou no seu povoado às margens do rio Kwanza. Mora com sua neta Fifí que administra um bar feito com paredes e telhado de madeira junto a uma estrada de terra. O bar se chama “Futuro brilhante”. Eles moram em um barraco atrás do bar que dá para o rio. Dali Salomão pode ver quando amanhece, elefantes, girafas, zebras, servos e macacos do outro lado do rio, em Kisama.

Seu vizinho tem uma balsa e atravessa aldeões que vão ao outro lado do rio, também pesca e suas filhas cozinham o peixe na brasa e o vendem aos que passam pela estrada para trabalhar na plantação de bananas.

XXI

As mulheres descem até o rio com a roupa nas bacias de plástico que carregam sobre suas cabeças. Carregam os bebês nas costas.

XXII

Os adolescentes se banham no rio e se jogam às cambalhotas na água. De vez em quando chegam uns peões com seu velho caminhão pipa para pegar água do rio e levar à fábrica de cimento que estão construindo não muito longe.

XXIII

Pela estrada caminha um casal levando galhos de árvore na cabeça para vendê-los no cruzamento do km 43 com a casa de dois irmãos mecânicos que consertam pneus furados e velhos veículos que já não resistem ao pique das estradas.

FIM